

# REAFIRMAÇÃO DE UM IDEAL - HOMENAGEM AOS COLEGAS DE OURO, CONCLUINTE DA TURMA DE 1964, NA UFRPE

LEONARDO VALADARES DE SÁ BARRETTO SAMPAIO<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Academia Brasileira de Ciência Agrônômica, Recife, Pernambuco.

<sup>2</sup>Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica, Recife, Pernambuco

Autor para correspondência: leonardovsampaio@yahoo.com.br

---

Palavras comovem. Ações arrastam. Um dos momentos mais emotivos e conagraçadores das Academias Pernambucana e Brasileira de Ciência Agrônômica é exatamente a homenagem prestada aos engenheiros agrônomos de relevantes serviços prestados a Pernambuco e ao Brasil, quando das comemorações de 50, 55, 60, 65, 70, e já homenageamos até colegas com 75 anos de formados! Momento de muita emoção educativa por propiciar exemplo de desempenho profissional. Caminho para todos nós e, especialmente, para as novas gerações de engenheiros agrônomos. Emoção educativa, por se contrapor às famosas Portarias e ações burocráticas, de uso tão comum pelos desapetrechados “dirigentes” submundistas, os quais primam por perseguir técnicos e dificultar o uso competente das técnicas! Portarias e Normas burocráticas punitivas não ensinam caminhos. Homenagens pelo uso eficaz, efetivo e eficiente das técnicas, ao contrário, são exemplos divulgadores de como trabalhar profissionalmente. No encontro dos formandos de 1964, que tem a Universidade Federal Rural de Pernambuco como *Alma Mater*, a turma fez questão de reafirmar o ideal expresso na oração de conclusão do curso:

Oração de Formatura, 19.12.1964: Colamos grau 31 novos Engenheiros Agrônomos. É mais um lance vencido na grande escadaria da vida. E isto deve representar a certeza e segurança propiciadas pela solidez da fundação, base dessa ascensão. Profissão é a afirmativa de um ideal. Exerce uma profissão aquele que pratica o professado. Perante nossos Paraninfos, o Professor Eudes de Souza Leão Pinto e o nosso preclaro Arcebispo de

Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara, nós professamos. Daí a importância na escolha do paraninfado e que, para os Engenheiros Agrônomos de 1964, constitui a primeira afirmação, no início de nossa vida profissional. Identificamos os nossos ideais e, mais que isso, as nossas aspirações, no exemplo de valorização e liderança profissional do Prof. Eudes, e na ação profundamente humana e desassomburada de nosso Arcebispo Dom Hélder, ambos exercendo apostolado, verdadeira e integralmente cristão, em nosso meio social. Exemplos que ganham força e realçam, pelo seu sentido universal, abarcando a tudo e a todos no sentimento de fraternidade que transmitem e inspiram. Aos pais, aos mestres e a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, nos orientaram, possibilitando essa profissão, nós agradecemos, emocionados. Não concordamos com a definição vulgar de que profissional é aquele que pratica alguma atividade para ganhar a vida, ou seja, como meio de subsistência. - Não concordamos! Profissional o é, verdadeiramente, quem aprende o conteúdo sistemático de uma ou várias ciências - para aplicá-lo com uma finalidade social. Utilizando as palavras do Prof. Yony Sampaio: “O Engenheiro-Agrônomo é um profissional que se propõe amansar a terra, agrícola ou pastorilmente, com uma finalidade econômico-social”.

Para alcançar tal *desideratum*, lançará mão do conteúdo ou de parte do conteúdo de todas as ciências que ache necessárias E, MAIS, aproveitará todas as observações empíricas do histórico saber local que, conquanto não hajam ainda sido explicadas por qualquer ciência, sirvam à finalidade do desenvolvimento social, administrativo e econômico da comunidade e da nação. Não podemos nos furtar à obrigação: o profissional, como ser criativo e associativo, bem como as instituições decorrentes da sistematização desse trabalho em equipe, não pode ser uma personalidade isolada, indiferente ao ambiente que o cerca - tem que se integrar no meio social, tem que viver a vida daquele meio. Tem que nele imergir e emergir para nele se tornar eficiente, eficaz e efetivo. Assim, cumprindo a missão do seu ofício. Para isto, necessitando de cultura. Porque, só assim, poderá transcender de sua profissão, ter uma ideia do espaço e do tempo pretérito e presente em que vive, construindo futuro. E evitando a “peculiaríssima brutalidade e a agressiva estupidez com que se comporta um homem quando sabe muito de uma coisa e ignora de raiz todas as demais”. Complementando Ortega e Gasset, “A vida deve ser culta, mas a cultura tem que ser vital”! O profissional, engenheiro agrônomo, precisa saber

administrar. Precisa saber organizar, planejar, controlar, supervisionar, dirigir e avaliar. Tem que lidar com homens e mulheres. Às vezes dezenas. Outras vezes, centenas. E homens e mulheres que, diversamente do proletariado urbano, sem características típicas, apresentam em cada meio ecológico um aspecto psicológico ambiental específico, *sui generis*, o que lhes dá, a cada um dos tipos, uma feição própria como empresários ou trabalhadores rurais.

Tem o profissional da engenharia-agronômica que organizar, e isto quer dizer, tem que saber motivar para o trabalho em equipe. Tem que planificar participativamente. Tem que orçar. Tem que distribuir tarefas, labores e benesses. Tem que estabelecer critérios valorativos. Numa palavra, tem que abarcar, numa só visada, segura e clara, todo o conjunto da obra a realizar por partes e em etapas. Nós devemos realizar a nossa missão com êxito. Assim o faremos, se a tomamos por vocação. Quais os meios propiciados para a vitória? Há uma real e prática ordenação das várias disciplinas estudadas nos currículos? Em relação a um fim. Em relação ao objetivo do desenvolvimento local e econômico-social? Considerando os alunos, a nossa mocidade, qual a motivação, qual o estímulo, qual o tratamento ou orientação utilizados? Concordamos: o problema central da juventude (e quiçá da humanidade, jovens crescidos) consiste em se encontrarem os jovens em meio de uma transformação do neocapitalismo e se haverem convertido nas principais cobaias de uma política de consumo.

A publicidade e a propaganda, através de agressivos meios de comunicação, tendem a querer fornecer aos jovens o modelo do homem de consumo. O condicionamento do homem processado através de meios externos à família e ao seu meio ambiente e ecologia, querendo impingir-lhe valores de como deve viver, como deve alimentar-se, como deve pensar, que coisas deve evitar ou comprar. Transformando-nos em autômatos pela eliminação das individualidades. Pela materialização da humanidade. Levando-nos à extinção como humanos. Levando a humanidade ao caos da robotização consumerista, pela atuação em moldes alienistas e alienígenos, como peças de precisão em um mecanismo de cujo funcionamento poucos usufruem.

Eu sou eu mesmo e, portanto, quero ser isto ou aquilo, gosto disto ou daquilo, sem ferir a liberdade dos demais, mas sendo livre e responsável. Os jovens de hoje se encontram no centro de uma sociedade que não quer mais regulamentar ou controlar a produção, porque prefere estimular

irracionalmente o consumo. Sociedade que quer fazer de cada um de nós um consumidor perfeito, um cliente pronto para comprar aquilo que ela ordena que compremos. Nós somos agredidos em todas as partes, por todos os meios publicitários, na procura de nos convenceremos de que a posse do maior número possível de bens materiais representa a suprema satisfação da nossa existência. A par disso, é, mais uma vez, dado o grito de alarme: denunciemos os ganhos excessivos, as especulações de toda a espécie, a usura sob todas as formas. É condenável a riqueza egoísta de indivíduos, classes ou nações. A agricultura foi a atividade civilizatória primeira do homem. E o é, primeira, na necessidade alimentar e energética. Então, todas as condenações são imputadas à agricultura - na verdade, todos metem o bedelho e se dizem entendidos em agricultura. Os deveres dos agricultores são constantemente proclamados e cobrados. E os direitos? A indústria não depende das condições ecológicas, nem está sujeita a seus eventos como a agricultura. Por isso, a indústria e o comércio têm facilitadas as soluções aos seus problemas econômicos.

A agricultura é essencial como supridora de alimentos e matérias primas. No entanto, nos países ditos em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, não vem merecendo prioridade, ou, pelo menos, tratamento equiparado às outras atividades econômicas. Todos os financiamentos e apoios logísticos vão para a indústria e o comércio. Os poucos destinados à agricultura, a burocracia hipertrofiada ou arquiva, ou os libera fora de época. Não há uma regulamentação prática nem justa na distribuição do escasso apoio técnico e crédito agrícola. Cada vez mais se acentuam os desnivelamentos sociais. Paralelamente, acentuam-se e se multiplicam os desgovernos e desmandos no equacionamento dos problemas por não técnicos. A situação rural e agrária em nosso país lembra bem o dilema de Édipo ante a esfinge: decifra-me ou ti devorarei! No entanto, o pânico dessa situação de desvalorização dos técnicos e do uso das técnicas vem trazendo, além de muita balbúrdia, um açodamento que se prolonga por décadas e já demonstrou a incompetência de muitos ministros desconhecedores da área.

Somos nós, engenheiros agrônomos, conscientes das responsabilidades que nos cabem - e, de modo mais próximo e direto, no encaminhamento desse problema. **DESSA PRERROGATIVA NÃO ABRIMOS MÃO!** O fato inegável é que o *status quo* é o erro. Mudando-o, poderemos encontrar o certo e o verdadeiro. A par disso, é desalentador constatar o desprezo votado

aos problemas de rotina do agricultor. Por sobre não se resolver a questão da estrutura agrária, olvidam-se as mais simples necessidades e demandas da diuturna atividade agrícola. De pouco vale a assistência técnica, que constitui mister exclusivo de nossa profissão, se falta uma ajuda econômico-comercial através de apoio logístico, creditício e financeiro. É ingrata, desprezada e controvertida, e inexplicavelmente desestimulada a missão de alimentar o povo e promover a educação rural. E mais, “A agricultura é a maior atingida com o vício das administrações girarem em torno de homens e não de planos ou de programas permanentes”. Porquanto, no dizer elegante do Prof. Guimarães Duque: “nenhuma fábrica, com o seu núcleo humano, pode se manter próspera quando rodeada pelo deserto”. “Se vamos continuar a nossa industrialização sugando a lavoura, se persistirmos na venda destruidora dos nossos recursos naturais, se mantivermos a atitude de indiferença para com os assuntos básicos (do desenvolvimento rural), então receberemos, na certa, a derrota do empobrecimento e da aniquilação”. “A vida de um país, como a dos seres vivos, se mantém e envolve através de uma série de AÇÕES diárias, construtivas, adicionais e coletivas, em que cada esforço é somado e ampliado com a atividade anterior, visando à conquista mais alta do bem-estar e da harmonia geral”.

É função do engenheiro agrônomo lutar pelo estabelecimento de populações rurais produtivas, com possibilidade de progresso social e não simples manutenção, assim como, também, os técnicos e profissionais devem progredir socialmente. O engenheiro agrônomo é um líder por excelência: deve batalhar por essa evolução social e auto-sustentabilidade. E, mais que isto, pela autodeterminação das populações nativas e dos rurícolas. Cada homem tem uma dívida para com a sociedade e a humanidade. Houve um grande investimento em nosso estudo - que deve render para quem o custeou - O POVO! E esta dívida é ainda maior porque este investimento foi financiado, de forma diferenciada, pela parcela mais tributada e pobre. E porque a região precisa urgentemente que este investimento produza e renda. Esta é também uma das belezas da profissão, sabermos-nos úteis e necessários, sentirmos que nossa ação é boa para a comunidade, e que está sendo esperada e desejada. Estes são os nossos deveres e as condições sob as quais nos formamos. É nossa obrigação dominar a terra, apesar de ínfimo em valorização cultural, em instrução e em técnicas, o desassistido material humano com que lidamos

e dispomos. Quais os nossos direitos? Que nos propiciem, pelo menos, a união dos três itens: respeito à inclinação técnico-científica; devida e justa remuneração, para o atendimento e fruição da responsabilidade social com a promoção do desenvolvimento. Devemos nos convencer de que não há sábios baratos. Que não existe sucedâneo para o saber. Que os profissionais científicos devem ser dignamente indenizados pelas suas contribuições - para que sejam garantidas as suas necessidades e a educação dos seus filhos. A continuidade da cultura é a segurança da civilização. O isolamento, o desprezo, e a remuneração desequilibrada dos técnicos é o resultado da cegueira política que consagra o privilégio e desigualdades injustificáveis, relegando o valor do conhecimento científico e do seu uso competente. Para o exercício da responsabilidade social, é necessário que sejam reconhecidas as exigências de especialização nas práticas modernas - e entregues aos especialistas as posições devidas.

Reafirmamos, como formandos: A Agronomia não é romantismo idílico-bucólico, e, sim, Ciência e Técnica. No campo, planejando ou administrando a produção; no laboratório, experimentando ou em pesquisas; ensinando ou transmitindo o resultado das experiências seculares da humanidade. Numa sala ou redação, estaremos exercendo este domínio sobre as forças vivas da terra. Lutamos por uma real valorização das técnicas e do seu uso pelos profissionais técnicos. Compreendemos a expressão do nível cultural das populações, correlacionado com os anseios e desejos fundamentais do homem, e a satisfação expressa de necessidades. É nosso dever produzir, conduzir e fomentar a produção rural e agroindustrial. E temos esta tarefa em sistema democrático, o qual, pelo respeito à liberdade, igualdade de oportunidades e promoção da livre iniciativa, a escolha não só se produza, mas o povo, pelo fim da produção, que é o bem comum, nos dirija enquanto nós o servimos com nossa ciência e nossa técnica. É verdade que, mais do que o serviço da ciência e da técnica, nós temos que prestar um outro grande serviço ao povo nordestino e brasileiro - nós o temos que servir com nossa liderança, exercendo o privilégio que nos foi concedido pela comunidade, o do estudo, dentro desta dinâmica de grupo a qual, no sistema democrático, dirige sem dominar e serve sem subserviência, unindo as pessoas para o alcance colaborativo do bem comum.

Devemos preparar a população para, ela mesma, executar as tarefas,

e não procurarmos fazer aquilo que pensamos que o povo necessita. É nossa obrigação produzir desenvolvimento. E nós a cumprimos. Pode ser materialmente árduo percorrer o caminho que, na verdade, conduz ao estabelecimento de uma laboriosa paz e felicidade geral, com frequência ameaçada por competições interna ou externa. É nosso dever servir à coletividade, não só a assistindo com os conhecimentos de nossa profissão, mas interpretando, sentindo e auscultando os seus anseios, para que, sem tutelas, os nordestinos e brasileiros sejam donos do seu próprio destino! Fizemos uma escolha e trilharemos esse caminho. A palavra impossível só existe no dicionário dos fracos.

Engenheiros agrônomos de 1964: Antonio Fernando de Souza Leão Veiga, Antonio José Padilha de Sá, Carlos Lamour Bezerra, Carlos Pereira da Silva, David Soares Pinto, Dinaldo Bizarro dos Santos, Edil José Pereira Coelho, Evandro Rocha Cabral de Vasconcellos, Fernando de Lemos Caldas, Gil Manoel de Azevedo Cisneiros, Guido Lemos de Souza, Hamilton José de Moraes, Jair Teixeira Pereira, Jairo Tavares de Oliveira, Joffre Tenório Sobrinho, José de Figueiredo Lima, José Ivanildo Haecker, José Maurício Pereira, José Pires de Araújo, Júlio Pacheco Meira e Sá Júnior, Jurandir Gondim Reis, Leonardo Valadares de Sá Barretto Sampaio, Luiz Venâncio Pedrosa de Melo, Manoel Ferreira dos Santos, Marcos Aurélio Dias Sales, Mário Pestana de Araújo, Múcio de Barros Wanderley, Pedro Justino do Nascimento, Roberto Dantas Vilar, Roberto Gilson da Costa Campos e Valdir de Araújo Beltrão.